



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

JÚLIO VICENTE DOS SANTOS NETO

**A RELAÇÃO DO *COMMUTING* COM O DESEMPENHO ACADÊMICO E
QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO COM DISCENTES DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA UFPE.**

**RECIFE
2025**

JÚLIO VICENTE DOS SANTOS NETO

**A RELAÇÃO DO *COMMUTING* COM O DESEMPENHO ACADÊMICO E
QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO COM DISCENTES DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA UFPE.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Contabilidade.

Orientador^a: Ma.Hellen Bomfim Gomes Dias.

**RECIFE
2025**

JÚLIO VICENTE DOS SANTOS NETO

**A RELAÇÃO DO *COMMUTING* COM O DESEMPENHO ACADÊMICO E
QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO COM DISCENTES DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA UFPE.**

Monografia apresentada à Coordenação de Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Data da Aprovação: 13 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ma. Hellen Bomfim Gomes Dias
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Arlindo Menezes da Costa Neto
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Anna Beatriz Vieira Palmeira
FUCAPE Business School/Instituto Federal de Alagoas

Ficha de identificação da obra elaborada pelo
autor, através do programa de geração
automática do SIB/UFPE

Santos Neto, Júlio Vicente dos.

A relação do commuting com o desempenho acadêmico e qualidade de vida: um estudo com discentes de ciências contábeis da UFPE. / Júlio Vicente dos Santos Neto. - Recife, 2025.

p49 : il., tab.

Orientador(a): Hellen Bomfim Gomes Dias

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Contábeis - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Commuting. 2. Desempenho acadêmico. 3. Qualidade de vida estudantil. 4. Tempo de conclusão. I. Dias, Hellen Bomfim Gomes. (Orientação).

II. Título.

300 CDD (22.ed.)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder esta oportunidade, por ter guiado meus passos e iluminado meu caminho até aqui. Em cada momento de dúvida, dificuldade ou desânimo, foi a fé em Deus que me fortaleceu e me deu coragem para seguir em frente. A Ele, toda a honra e glória por cada conquista alcançada.

Aos meus pais, Jadiel e Luciane, minha eterna gratidão. Desde a infância, vocês sempre me incentivaram a estudar e buscar o melhor, mesmo enfrentando dificuldades. Nunca mediram esforços para me oferecer apoio, conselhos e, acima de tudo, amor. Sou grato por cada sacrifício, por cada gesto de cuidado e por todo o esforço feito para que eu tivesse as melhores oportunidades.

Estendo meu agradecimento às minhas tias, Gerusa e Cleide, que sempre me acolheram com carinho e me trataram como um filho. Sempre dispostas a me ajudar em tudo que precisei, foram verdadeiros pilares de apoio ao longo da minha vida.

Agradeço também aos meus tios, Aderivaldo, Jair, Romerito e Alberto, por cada palavra de incentivo, por cada conselho sábio e por estarem presentes, direta ou indiretamente, em minha formação pessoal e acadêmica. A convivência e os ensinamentos de vocês contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje.

À minha companheira, Kayllanne, meu amor e minha parceira de jornada, sou imensamente grato por sua presença constante. Você esteve ao meu lado em cada etapa, me motivando, acreditando em mim e me apoiando incondicionalmente. Deus foi generoso ao permitir que nossos caminhos se cruzassem. Obrigado por tudo.

Agradeço também ao meu irmão, Abner, que mesmo à distância, sempre se fez presente com palavras de apoio, conselhos e torcida sincera. Essa vitória é nossa, irmão. Obrigado por acreditar em mim.

Minha gratidão à minha orientadora, Hellen Bomfim, por toda dedicação, paciência e disponibilidade durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua

orientação e apoio foram fundamentais não apenas neste momento, mas também em outras etapas da minha formação acadêmica.

E, de forma especial, estendo meu agradecimento a toda a minha família — avós, primos, primas, tios e tias — mesmo aqueles que não citei nominalmente. Cada gesto de carinho, palavra de incentivo ou simples presença nos momentos importantes foi essencial para minha caminhada. O apoio da família é um alicerce poderoso, e eu sou abençoado por ter ao meu redor pessoas tão especiais e amorosas. A todos vocês, meu mais sincero e profundo agradecimento. Muito obrigado!

*“Àquele que é capaz de fazer infinitamente
mais de tudo o que pedimos ou pensamos,
de acordo com o seu poder que atua em nós,
a ele seja a glória na igreja e em Cristo
Jesus, por todas as gerações, para todo
sempre! Amém!”*

Efésios 3:20,21

RESUMO

Este trabalho busca analisar a relação entre o commuting — tempo de deslocamento diário — e seus impactos na qualidade de vida, no desempenho acadêmico e no tempo estimado de conclusão do curso dos estudantes de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa é de natureza quantitativa, com coleta de dados realizada por meio de um questionário estruturado aplicado a estudantes a partir do segundo período. O instrumento aborda aspectos como tempo de deslocamento, indicadores acadêmicos e percepções sobre saúde física e mental. Além disso, busca-se compreender se o commuting, somado à rotina de estágio ou trabalho, contribui para a piora do rendimento dos estudantes. A metodologia proposta visa identificar possíveis relações entre o tempo gasto com deslocamentos e fatores como desempenho acadêmico, reprovações e avanço na graduação, contribuindo para uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelos discentes no contexto universitário.

Palavras-chave: Commuting. Desempenho acadêmico. Qualidade de vida estudantil. Tempo de conclusão.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between commuting — daily commute time — and its impacts on the quality of life, academic performance, and estimated time to complete the course of Accounting Science students at the Federal University of Pernambuco (UFPE). The research is quantitative in nature, with data collection carried out through a structured questionnaire applied to students from the second semester onwards. The instrument addresses aspects such as commuting time, academic indicators, and perceptions about physical and mental health. In addition, it seeks to understand whether commuting, combined with the internship or work routine, contributes to the worsening of students' performance. The proposed methodology aims to identify possible relationships between the time spent commuting and factors such as academic performance, failures, and advancement in graduation, contributing to a better understanding of the challenges faced by students in the university context.

Keywords: Commuting. Academic performance. Student quality of life. Time to graduation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Contextualização do Problema	12
1.2. OBJETIVOS	14
1.2.1. Objetivo Geral	14
1.2.2. Objetivos Específicos	14
1.3. Justificativa do Estudo	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1. Aspectos sobre Commuting	16
2.2. Commuting e Qualidade de Vida Estudantil	18
2.3. Commuting e Desempenho Acadêmico	21
3. METODOLOGIA	26
3.1. Tipologia da Pesquisa	26
3.2. Universo da Pesquisa e Coleta de Dados	26
3.3. Tratamento dos Dados	28
3.3.1. Commuting e Qualidade de Vida Estudantil	28
3.3.2. Commuting e Desempenho Acadêmico	29
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
4.1. Análise Descritiva	32
4.1.1. Análise entre Commuting e Qualidade De Vida	33
4.1.2. Análise entre Commuting e Desempenho Acadêmico	35
4.1.3. Análise entre Commuting e Tempo de Conclusão	40
4.1.4. Escala Likert	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do Problema

O termo *commuting* é comumente utilizado para descrever o deslocamento diário entre a residência e o local de trabalho ou estudo. De acordo com o *Cambridge English Dictionary* (2024), *commuting* refere-se à “atividade de viajar regularmente entre casa e trabalho”. Esse fenômeno, embora rotineiro, tem despertado crescente atenção na literatura acadêmica por seus impactos nas dimensões física, mental e produtiva da vida dos indivíduos.

Autores como Evans, Wener e Boatley (2006) destacam que o deslocamento diário pode ser uma fonte considerável de estresse, sobretudo quando envolve longos períodos de exposição a ambientes desconfortáveis ou imprevisíveis. Em seu estudo com passageiros de trem suburbano, os autores constataram que a melhoria na qualidade do transporte reduziu significativamente os níveis de estresse dos usuários. Por outro lado, indivíduos que continuaram utilizando sistemas ineficientes permaneceram mais suscetíveis à tensão psicológica.

Nessa perspectiva, no contexto acadêmico brasileiro, conforme apontado por Cruz *et al.* (2011), o *commuting* também se configura como um fator relevante na vida acadêmica, impactando diretamente o desempenho dos estudantes e a qualidade de vida dos discentes. Os autores destacam que a distância percorrida para atividades acadêmicas pode acarretar uma sobrecarga física e mental considerável, além de restringir o tempo disponível para outras atividades essenciais, como estudo, lazer e autocuidado.

De forma semelhante, Oliveira *et al.* (2015) evidenciam que longos deslocamentos tendem a afetar negativamente o bem-estar dos indivíduos, estando associados à percepção de piora na saúde física e mental. O estudo destaca que trajetos diários extensos podem comprometer a qualidade de vida de quem precisa conciliar compromissos pessoais e profissionais com mobilidade urbana precária.

Outro estudo relevante é o de Tigre, Sampaio e Menezes (2017), que aponta para os efeitos negativos do tempo de deslocamento sobre o

desempenho escolar. Os autores ressaltam que o tempo investido diariamente no trajeto entre casa e instituição de ensino tende a influenciar adversamente a aprendizagem e os resultados acadêmicos, principalmente quando não há políticas de suporte ou infraestrutura que minimizem esses impactos.

O impacto do *commuting* no desempenho acadêmico dos estudantes tem sido objeto de análise em estudos internacionais e nacionais. Pesquisa realizada por Ma *et al.* (2015) revelou que cada acréscimo de 10 minutos no tempo de deslocamento diário está associado a uma redução estatisticamente significativa no desempenho acadêmico. Já no contexto canadense, uma investigação recente de Vallee e Lavertu (2022) indicou que 61% dos estudantes universitários consideram o deslocamento uma barreira para participar de atividades presenciais no campus, e 30% afirmam que essa rotina interfere diretamente em seu desempenho acadêmico.

Adicionalmente, estudos como o de Vieira, Vieira e Raposo (2018) identificaram a distância entre a residência e a instituição de ensino como um fator determinante para o desempenho acadêmico no ensino superior. Através da análise de dados de uma universidade pública portuguesa e da aplicação de modelos com variáveis instrumentais para correção de endogeneidade, os autores concluíram que a distância geográfica impacta negativamente as notas dos estudantes, mesmo após o controle de características individuais e institucionais.

Dessa forma, a literatura também tem apontado a gestão do tempo como uma variável mediadora crucial nessa relação. Segundo Macan *et al.* (1990), práticas como planejamento, definição de metas e priorização de tarefas estão fortemente correlacionadas com o aumento da produtividade e a redução da procrastinação. Em consonância, o estudo de Britton e Tesser (1991) mostrou que estudantes com melhor organização temporal apresentavam médias significativamente mais altas do que os colegas com menor controle do tempo.

Outro aspecto relevante abordado pela literatura é o impacto do tempo de deslocamento no tempo de conclusão dos estudos. Falch, Lujala e Strøm (2013), discutindo essa questão ao examinarem dados de alunos do Ensino Médio na Noruega, constataram que a redução no tempo de trajeto entre casa e escola aumenta a probabilidade de conclusão dos cursos no prazo previsto, sobretudo entre estudantes com desempenho acadêmico inferior.

Considerando essas evidências, é essencial compreender de que forma o

tempo e a distância geográfica — e, portanto, o *commuting* — moldam a trajetória educacional e o bem-estar dos estudantes. No contexto específico dos discentes de Ciências Contábeis da UFPE, muitos dos quais enfrentam deslocamentos significativos até o campus universitário, essa análise pode fornecer subsídios importantes para o aprimoramento de políticas institucionais que promovam maior equidade no acesso e na permanência no ensino superior.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar a relação do *commuting* na graduação dos alunos da UFPE, com foco no desempenho acadêmico, tempo de conclusão da graduação e qualidade de vida estudantil.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Examinar como o *commuting* está relacionado à qualidade de vida dos estudantes do curso de ciências contábeis da UFPE.
- Analisar a relação entre o *commuting* e o desempenho acadêmico dos estudantes de ciências contábeis da UFPE;
- Apurar como o *commuting* pode estar relacionado ao tempo de conclusão de curso dos alunos de ciências contábeis da UFPE.

1.3. Justificativa do Estudo

A mobilidade urbana é um dos grandes desafios enfrentados pelos centros urbanos brasileiros, com impactos diretos sobre o acesso e a permanência dos estudantes no ensino superior. Segundo Vasconcellos (2013), os deslocamentos cotidianos, especialmente em cidades com infraestrutura de transporte público deficiente, como Recife, representam barreiras significativas à inclusão educacional. No contexto universitário, destaca-se o fenômeno do *commuting*, definido como o deslocamento regular entre a residência e o local

de estudo, que, quando realizado sob condições precárias, pode gerar implicações relevantes para o desempenho acadêmico e a qualidade de vida dos discentes.

No curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é recorrente a presença de estudantes que residem em bairros periféricos ou em cidades da Região Metropolitana, o que exige longos deslocamentos diários entre casa, trabalho ou estágio e a universidade. Essa rotina de commuting, agravada pela sobreposição de múltiplas atividades, pode comprometer significativamente o rendimento acadêmico e o bem-estar dos alunos. Conforme apontado por Silva *et al.* (2020), estudantes que enfrentam grandes distâncias para chegar à universidade tendem a apresentar maior cansaço físico e menor engajamento com as atividades curriculares, refletindo negativamente em seu desempenho. Além disso, Moraes e Costa (2021) enfatizam que o tempo excessivo em trânsito está associado a níveis mais altos de estresse, menor qualidade do sono e dificuldades na conciliação entre vida acadêmica, pessoal e profissional.

Dados da Pesquisa de Origem-Destino da Região Metropolitana do Recife (Recife, 2019) indicam que os tempos médios de commuting podem ultrapassar duas horas por dia, especialmente nos horários de pico, o que expõe uma parcela significativa da população universitária a condições adversas. Nesse cenário, investigar os impactos do commuting sobre o desempenho acadêmico e a qualidade de vida dos discentes torna-se fundamental para subsidiar políticas públicas e institucionais que promovam maior equidade no acesso à educação superior e melhores condições de permanência estudantil.

No Brasil, ainda são escassos os estudos que tratam da relação do tempo e da distância de deslocamento no desempenho de estudantes universitários. Entre as pesquisas já realizadas, destaca-se o trabalho de Nascimento (2021), que identificou relação negativa entre distância de deslocamento e coeficiente de rendimento entre alunos da maior universidade do Nordeste. De forma semelhante, Tigre, Sampaio e Menezes (2017) demonstraram, em estudo com estudantes do ensino fundamental de Recife, que o aumento no tempo de deslocamento pode reduzir significativamente o desempenho em matemática.

Pereira (2018), por sua vez, observou que longos deslocamentos podem impactar negativamente a qualidade de vida dos universitários da UFRJ, ainda que o rendimento acadêmico não seja diretamente comprometido.

Diante desse contexto, justifica-se o presente estudo por sua relevância acadêmica e social. Ao investigar a relação do commuting sobre o desempenho e a saúde dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da UFPE, a pesquisa contribui para o preenchimento de lacunas na literatura nacional, especialmente no contexto nordestino. Além disso, os resultados obtidos poderão subsidiar políticas institucionais voltadas à permanência estudantil, planejamento acadêmico e melhoria das condições de acesso ao ensino superior público.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão reunidas e discutidas as principais abordagens teóricas e empíricas que tratam dos deslocamentos cotidianos realizados por estudantes, conhecidos como *commuting*. Inicialmente, são explorados os fundamentos conceituais e os aspectos estruturais do commuting, inserindo-o no contexto mais amplo da mobilidade urbana e das dinâmicas espaciais das cidades contemporâneas. Em seguida, são analisadas as pesquisas que buscam compreender de que forma os deslocamentos impactam variáveis acadêmicas, como desempenho, engajamento e produtividade estudantil. Por fim, destaca-se o conjunto de estudos que estabelecem relações entre o tempo e as condições de deslocamento e a qualidade de vida dos discentes, especialmente no que se refere ao bem-estar físico, emocional e social, considerando fatores como estresse, privação de sono, exaustão e limitação de acesso a atividades extracurriculares.

2.1. Aspectos sobre *Commuting*

A mobilidade urbana configura-se como uma dimensão estratégica no contexto das sociedades contemporâneas, articulando-se diretamente à organização espacial, ao acesso a oportunidades e à qualidade de vida dos indivíduos. Magagnin e Silva (2008) definem mobilidade urbana como o conjunto de deslocamentos cotidianos realizados pelos cidadãos no interior do

espaço urbano, abrangendo atividades essenciais como trabalho, educação, saúde e lazer. Essa dimensão integra o campo da Economia Urbana, cuja matriz teórica, consolidada no modelo de cidade monocêntrica de Alonso-Muth-Mills, busca compreender as forças que determinam a localização das residências e atividades econômicas nas cidades, bem como os custos decorrentes dessas escolhas espaciais (Alonso, 1964; Mills, 1967; Muth, 1969; Cruzet *al.*, 2011).

Nesse contexto, os deslocamentos pendulares, denominados na literatura especializada como *commuting*, correspondem à jornada repetitiva entre o local de residência e o destino habitual de estudo ou trabalho. Embora historicamente mais investigado no que diz respeito ao mercado de trabalho, o *commuting* relacionado aos estudantes tem ganhado atenção na última década, sobretudo diante dos impactos negativos que tais deslocamentos prolongados podem causar à saúde mental, ao desempenho acadêmico e ao bem-estar subjetivo dos discentes.

Uma contribuição significativa a esse debate é trazida por Legrain (2019), que, ao analisar dados de estudantes universitários na França, concluiu que trajetos superiores a 45 minutos estão estatisticamente associados a maiores níveis de fadiga crônica, sensação de isolamento e menor participação em atividades extracurriculares. O autor destaca que o tempo de *commuting* compromete o equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal, sobretudo em áreas metropolitanas onde a moradia estudantil é inacessível à maioria dos estudantes.

A literatura também revela uma associação preocupante entre *commuting* e sintomas psicopatológicos. Um estudo de Hensher *et al.* (2022), realizado com universitários australianos, demonstrou que a duração do deslocamento, aliada à baixa qualidade do transporte público, contribui significativamente para o aumento dos níveis de estresse percebido e ansiedade generalizada. Os autores sugerem que fatores como lotação, atrasos e falta de previsibilidade do trajeto ampliam a vulnerabilidade psicológica dos estudantes e podem repercutir negativamente em sua produtividade acadêmica.

Em estudo conduzido na Alemanha, Friman *et al.* (2017) investigaram a relação entre o modo e a duração dos deslocamentos e o bem-estar subjetivo de estudantes de ensino superior. Os resultados apontaram que estudantes

que dependem exclusivamente de transporte público relataram níveis significativamente mais baixos de satisfação com a vida, em comparação àqueles que possuem alternativas mais flexíveis, como bicicletas ou transportes individuais. A principal variável explicativa identificada foi a percepção de controle sobre o trajeto, que está diretamente associada ao estado emocional dos estudantes.

Além disso, estudos como o de Ma *et al.* (2023) ampliam a compreensão dos impactos do commuting ao analisarem não apenas seus efeitos físicos e psicológicos, mas também seu reflexo direto no engajamento acadêmico. A partir de uma amostra longitudinal com universitários chineses, os autores identificaram que longos deslocamentos estavam relacionados a altos níveis de exaustão emocional e queda no envolvimento com as atividades de ensino, apontando para uma possível interferência do commuting na permanência e êxito acadêmico no ensino superior.

Diante de tal cenário, o commuting estudantil emerge como uma variável crítica para a formulação de políticas públicas que garantam maior equidade no acesso à educação superior. Estratégias como ampliação da moradia estudantil, subsídios à mobilidade urbana e flexibilização dos horários acadêmicos tornam-se fundamentais para mitigar os efeitos deletérios dessa prática cotidiana. Mais do que uma questão de tempo e espaço, o commuting é um determinante estrutural da qualidade de vida e das trajetórias educacionais dos estudantes nas grandes cidades.

2.2. *Commuting* e Qualidade de Vida Estudantil

A gestão do tempo é um componente central da vida contemporânea e, como tal, está sujeita aos princípios econômicos do custo de oportunidade. O tempo, enquanto recurso escasso e não renovável, quando alocado a determinadas atividades – como o deslocamento entre domicílio e instituição de ensino – implica a renúncia de outras experiências igualmente fundamentais, como a dedicação ao lazer, ao sono ou à prática regular de atividades físicas (Voulgaris; Smart; Taylor, 2019; Pereira, 2018). Tal renúncia configura um *trade-off* cotidiano que pode impactar negativamente tanto a saúde física quanto o bem-estar subjetivo dos estudantes. No caso brasileiro,

estudos revelam que deslocamentos exaustivos podem, inclusive, estar associados à deterioração da saúde autoavaliada (Oliveira *et al.*, 2015), o que suscita a necessidade de compreensão ampliada dos impactos do commuting na qualidade de vida discente.

Sob essa ótica, Janáček *et al.* (2020) desenvolveram uma investigação empírica que analisou o impacto do tempo de deslocamento sobre a satisfação com a vida de estudantes do ensino médio em três países europeus – República Tcheca, Itália e Eslovênia. Utilizando metodologia quantitativa baseada na aplicação de questionários inspirados no Relatório Mundial da Felicidade da ONU, a pesquisa coletou dados de 3.841 estudantes em novembro de 2017. As estimativas, conduzidas via regressão por mínimos quadrados ordinários, revelaram que, especificamente na República Tcheca, havia uma relação inversamente proporcional entre o tempo de commuting e os níveis de satisfação com a vida. Adicionalmente, o estudo evidenciou disparidades de gênero quanto à percepção e vivência do deslocamento diário, sugerindo a necessidade de abordagens interseccionais ao se tratar da mobilidade estudantil.

Corroborando a relevância desses achados, Lee, Kim e Park (2022), em pesquisa realizada na Coreia do Sul com trabalhadores jovens, identificaram que o tempo despendido no trajeto diário se relacionava de maneira estatisticamente significativa com níveis mais elevados de estresse percebido, sobretudo entre os indivíduos que se deslocavam de automóvel. Embora o público-alvo da investigação fossem trabalhadores, os pesquisadores enfatizam que jovens em fase de transição educacional compartilham rotinas e desafios semelhantes, o que torna seus resultados aplicáveis ao contexto estudantil. Esse dado é relevante, pois o estresse crônico pode desencadear efeitos deletérios sobre a memória de trabalho, a motivação intrínseca e, por conseguinte, o desempenho acadêmico.

No que concerne à correlação entre qualidade de vida e rendimento acadêmico, Rode *et al.* (2005) constataram, por meio de uma análise quantitativa realizada com universitários do Centro-Oeste dos Estados Unidos, que a satisfação geral com a vida constitui um preditor robusto do desempenho acadêmico, mesmo quando controladas variáveis como inteligência e gênero. Essa evidência reforça o argumento de que fatores externos ao ambiente educacional – como o tempo de commuting – podem impactar indiretamente a

trajetória acadêmica dos discentes, comprometendo tanto o aproveitamento das atividades curriculares quanto a permanência qualificada na instituição.

A análise de Voulgaris, Smart e Taylor (2019), com base nos microdados da American Time Use Survey (ATUS), reforça a importância de considerar o commuting como fator determinante na saúde física dos estudantes. Utilizando séries históricas compreendendo o período de 2003 a 2015, os autores demonstraram que a cada minuto adicional de deslocamento escolar, há uma perda média de 1,3 minutos de sono. Em um exemplo prático, um acréscimo de 20 minutos diários no trajeto acarreta uma redução de 26 minutos no tempo total de sono, o que pode impactar diretamente a consolidação da memória e o equilíbrio emocional. Em termos de atividade física, os dados revelaram que estudantes com trajetos inferiores a 30 minutos dedicavam, semanalmente, em média, 75 minutos a mais à prática de exercícios em comparação com aqueles submetidos a deslocamentos mais extensos. Isso evidencia que os prejuízos oriundos do commuting concentram-se em aspectos essenciais à qualidade de vida: sono e exercício físico – elementos amplamente reconhecidos como pilares da saúde integral.

Pereira (2018), ao investigar a realidade de discentes dos cursos de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, evidenciou as implicações práticas do commuting na rotina acadêmica dos estudantes. A autora utilizou abordagem qualitativa com base na aplicação de questionários, e observou que, mesmo diante de desempenhos acadêmicos elevados (medidos por Coeficiente de Rendimento), os estudantes reportavam quadros de fadiga constante, redução de horas de sono e limitação na participação em atividades complementares e eventos universitários. Tais relatos indicam que o desempenho acadêmico isolado pode não captar a totalidade dos impactos que o deslocamento diário acarreta na experiência universitária.

Nesse sentido, o estudo de Mitra e Taylor (2021), com uma amostra de mais de 15 mil estudantes universitários no Canadá, destacou que 61% dos discentes percebiam o commuting como uma barreira significativa à plena participação na vida universitária, e 30% o consideravam um entrave ao próprio sucesso acadêmico. Os autores identificaram que a satisfação com o modo e duração do deslocamento estava positivamente associada ao bem-estar emocional, configurando o commuting como um mediador relevante entre

mobilidade e saúde mental no contexto universitário. A pesquisa ainda sugere que instituições de ensino devem repensar seus modelos de acessibilidade e infraestrutura urbana para mitigar desigualdades e promover ambientes acadêmicos mais inclusivos.

Por fim, Ding e Feng (2025), em estudo transversal realizado em regiões rurais da China, identificaram que o tempo prolongado de deslocamento não apenas comprometia o rendimento escolar dos estudantes, mas também sua saúde mental. O trabalho revelou que uma hora adicional de commuting correlacionava-se com cerca de 35 minutos a menos de sono e diminuição da frequência de atividades ao ar livre, o que representa uma ameaça tanto à performance acadêmica quanto ao equilíbrio emocional. A importância do estudo reside na evidência de que a qualidade de vida discente é multifatorial, sendo o deslocamento um componente negligenciado, porém determinante.

2.3. *Commuting* e Desempenho Acadêmico

Nas últimas décadas, a relação entre mobilidade urbana e educação tem se tornado um tema de crescente interesse na literatura acadêmica. Em particular, o conceito de *commuting* — que se refere ao deslocamento diário entre a residência e o local de estudo — tem sido amplamente estudado por seu impacto nas experiências e nos resultados acadêmicos dos estudantes.

A rotina de deslocamentos longos e, por vezes, extenuantes, representa uma limitação significativa no aproveitamento das oportunidades educacionais, principalmente no ensino superior e em contextos urbanos. Estudantes que enfrentam grandes distâncias ou condições precárias de transporte podem sofrer com cansaço, redução do tempo disponível para estudos e menor engajamento nas atividades acadêmicas (Sánchez *et al.*, 2020; Allen & Farber, 2018).

O commuting não afeta apenas o desempenho escolar diretamente, mas também influencia fatores como frequência, participação em atividades extracurriculares e a permanência nos cursos (Kwan, 2013; Nelson *et al.*, 2016). Em contextos marcados por desigualdade social e urbana, como no Brasil, essas dificuldades são ainda mais acentuadas, afetando especialmente estudantes de baixa renda, que tendem a morar mais longe dos centros

educacionais e depender de transporte público ineficiente (Tigre, Sampaio & Menezes, 2017; Nascimento, 2021). Diante disso, compreender como as condições de deslocamento influenciam o rendimento acadêmico é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam maior equidade educacional.

No Nível Superior, foi encontrada influência do commuting tanto sobre a permanência e frequência na universidade, quanto sobre o coeficiente de rendimento dos alunos. Por exemplo, buscando investigar se as opções de transporte e o tempo de viagem dos estudantes desde casa até a universidade afetam a participação no campus e, indiretamente, o acúmulo de capital social nos campus universitários, Coutts *et al.* (2018) analisaram dados de mais de 12.500 estudantes universitários de Toronto, no Canadá, provenientes da pesquisa *StudentMoveTO*, realizada em 2015. Como os dados sobre as rotas reais de viagem para o campus não estavam disponíveis, os autores utilizaram o tempo de deslocamento auto-relatado como medida do commuting. Esse tempo foi então classificado em categorias com intervalos de 15 minutos e usado como variável independente em modelos de regressão logística para três variáveis dependentes relacionadas à participação no campus universitário.

Os resultados obtidos por Coutts *et al.* (2018) demonstram que o tempo de deslocamento teve um efeito estatisticamente significativo nas três variáveis associadas à participação universitária. Em comparação com os estudantes que tinham menos de 15 minutos de deslocamento até o campus (grupo de referência), aqueles que reportaram um deslocamento entre 15 e 30 minutos apresentaram uma razão de chances de 2,87 para serem desestimulados a ir ao campus; uma razão de 1,21 para serem influenciados negativamente na escolha do curso; e uma razão de 2,35 para serem desmotivados a participar de atividades universitárias. Além disso, observou-se que o impacto negativo na participação aumentava progressivamente conforme o tempo de viagem se tornava mais longo. Outro achado relevante foi que os estudantes que utilizavam transporte público (tanto local quanto regional) tinham maiores chances de reportar desmotivação para frequentar o campus e participar de suas atividades, em comparação com aqueles que utilizavam o carro para se deslocar.

Por sua vez, Qoradi (2018) teve como objetivo mensurar os efeitos das

restrições geográficas diárias (tempo e distância de deslocamento) na vida dos estudantes da King Saud University, localizada na Arábia Saudita. A amostra foi composta por estudantes matriculados em disciplinas acadêmicas no ano letivo de 2016. O autor construiu questionários com perguntas referentes à distância entre a residência e o campus, tempo de deslocamento, tempo de atraso, meio de transporte utilizado, frequência nas aulas e GPA (nota média do aluno). Os dados foram analisados por meio de regressões lineares para examinar a relação entre as variáveis. Qoradi (2018) concluiu que há uma relação inversa entre o tempo de atraso e o desempenho acadêmico: conforme os tempos de atraso aumentam, o GPA dos alunos diminui. Além disso, o tempo de deslocamento mostrou-se um fator significativo que afeta negativamente a participação em atividades extracurriculares e visitas à biblioteca universitária.

O trabalho de Kobus, Van Ommeren e Rietveld (2015), também investigou a relação entre a presença no campus e o desempenho acadêmico, com base em uma amostra de estudantes universitários holandeses. Os autores destacam que os estudantes que passam mais tempo na universidade tendem a ter melhor desempenho. Contudo, o commuting pode representar uma barreira significativa, já que os estudantes que moram mais longe precisam realizar viagens mais longas, o que tende a reduzir o tempo que eles podem passar no campus. Os autores observam que o desempenho acadêmico, medido pela nota média, é negativamente influenciado pelo tempo de deslocamento. Eles propõem que essa relação pode ser explicada por diferentes mecanismos, como o cansaço decorrente da viagem ou a menor disponibilidade de tempo para atividades acadêmicas extracurriculares. Os autores também sugerem que passar longos períodos no campus pode ser cansativo, reduzindo a produtividade marginal do aluno ao longo do dia. Outro fator apontado é o esgotamento físico e mental causado pela viagem, o que comprometeria diretamente o desempenho (Kobus, Van Ommeren & Rietveld, 2015).

Com relação ao contexto americano, Nelson *et al.* (2016) utilizaram dados *cross-section* de uma amostra composta por 403 estudantes de uma universidade pública do sudeste dos Estados Unidos. O objetivo do estudo foi investigar se a distância entre a residência dos alunos e o campus universitário impactava negativamente o desempenho acadêmico. Os autores estimaram

um modelo de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), no qual a variável de interesse – a distância, medida em milhas – foi calculada com base no caminho mais curto entre o endereço do aluno e o campus. Os resultados indicaram que estudantes que moravam mais longe do campus tinham, em média, desempenho acadêmico inferior em comparação com aqueles que moravam mais próximos.

Ainda com base em dados dos Estados Unidos, Simpson e Burnett (2019) analisaram se a situação residencial dos estudantes do primeiro ano de uma universidade pública do sudeste norte-americano influenciava seu desempenho acadêmico. O estudo utilizou dados de estudantes do ano letivo de 2009–2010. As autoras compararam os resultados acadêmicos de alunos residentes no campus com os de alunos que faziam deslocamentos diários, controlando por variáveis socioeconômicas e acadêmicas. Os resultados revelaram que os estudantes residentes apresentaram médias significativamente mais altas do que os *commuters*. Simpson e Burnett (2019) argumentam que isso pode estar relacionado à maior integração social e ao maior tempo disponível para estudo e atividades extracurriculares dos alunos residentes. Elas também destacam que estudantes que se deslocam diariamente podem ser forçados a administrar seu tempo de forma diferente e com mais cuidado, o que pode interferir em sua performance acadêmica.

No contexto brasileiro, Nascimento (2021) investigou a influência do commuting sobre o desempenho acadêmico de estudantes universitários da Universidade Federal da Bahia (UFBA), matriculados entre 2006 e 2012. O autor estimou modelos estatísticos relacionando a distância entre o local de residência do estudante e o campus com seu coeficiente de rendimento (CR), utilizando dados da base de microdados do INEP. Os resultados encontrados apontaram para um efeito negativo da distância percorrida no trajeto casa-universidade sobre o desempenho acadêmico. A pesquisa revelou que, quanto maior a distância, menor tende a ser o CR do aluno, o que reforça a hipótese de que o commuting representa um custo de tempo e energia que pode impactar negativamente nos estudos. Além disso, o efeito parece ser mais pronunciado entre os estudantes que ingressaram na universidade por meio da política de cotas.

Examinando os efeitos diferenciados do commuting para distintos grupos da população, Falch, Lujala e Strøm (2013) realizaram uma análise com

dados de alunos da Noruega, observando que o impacto das restrições geográficas não varia significativamente entre os sexos. No entanto, ao analisar os efeitos ao longo da distribuição de desempenho acadêmico, os autores perceberam que a distância de deslocamento afeta de forma mais acentuada os alunos que estão na margem de reprovação. Ou seja, para estudantes com desempenho mediano ou baixo, morar longe da escola aumenta significativamente a probabilidade de não atingir as notas mínimas para aprovação, enquanto os estudantes com alto desempenho não parecem ser tão afetados pelas restrições geográficas.

No Brasil, especificamente em relação à educação básica, Tigre, Sampaio e Menezes (2017) realizaram um estudo sobre o impacto do tempo de deslocamento casa-escola sobre o desempenho de alunos do Ensino Fundamental em Recife. O estudo utilizou uma abordagem empírica baseada em variáveis instrumentais, para identificar o efeito causal do tempo de viagem na nota dos alunos. Os resultados mostraram que um aumento de uma hora no tempo de deslocamento casa-escola reduz a nota do aluno em aproximadamente 0,75 desvio-padrão. O trabalho fornece evidências robustas de que o tempo de commuting pode comprometer significativamente o desempenho escolar de estudantes da rede pública.

Por fim, Allen e Farber (2018) conduziram um estudo muito semelhante ao de Coutts *et al.* (2018), também com dados da pesquisa *StudentMoveTO*. Embora os objetivos e metodologia dos estudos sejam similares, Allen e Farber se diferenciam ao utilizar medidas mais refinadas de tempo de deslocamento, com base em modelos de rede de transporte e dados georreferenciados. Os autores também consideraram o número de baldeações (trocas de veículo) realizadas pelos estudantes no trajeto casa-universidade. Os resultados indicam que o tempo de deslocamento é um forte preditor de menor participação em atividades no campus. Além disso, estudantes que realizam múltiplas baldeações têm maiores chances de relatar que o commuting os desestimula a comparecer às aulas e participar da vida universitária, mesmo quando controlado o tempo total de deslocamento.

Diante desse cenário, a próxima seção descreve a metodologia adotada para analisar a relação entre o *commuting*, o rendimento acadêmico e a qualidade de vida de estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), buscando compreender como

fatores relacionados ao trajeto casa-universidade influenciam a vivência universitária desses alunos.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipologia da Pesquisa

A pesquisa realizada no campo das ciências sociais pode ser classificada quanto aos objetivos, à abordagem do problema e aos procedimentos utilizados Gil (2010). Dito isso, o presente estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva quanto aos objetivos, ao passo que busca descrever as características da população, contribuindo para identificar a relação existente entre as variáveis estudadas. Nesse caso, o foco é analisar como o *commuting* pode estar relacionado ao desempenho acadêmico e na qualidade de vida estudantil dos estudantes de Ciências Contábeis da UFPE.

Quanto aos procedimentos utilizados, classifica-se como pesquisa de campo, pois será realizada diretamente com os estudantes por meio da aplicação de um questionário estruturado, que contém perguntas de caráter quantitativo. O questionário buscará captar dados sobre o tempo de deslocamento diário, a percepção dos estudantes sobre sua qualidade de vida acadêmica, a relação que o *commuting* traz no desempenho e o tempo de conclusão do curso.

Por fim, em relação à abordagem do problema, o estudo é de natureza quantitativa, assim, a análise possibilitará medir de forma objetiva a relação do tempo de deslocamento e distância geográfica no desempenho acadêmico e na qualidade de vida dos discentes.

3.2. Universo da Pesquisa e Coleta de Dados

O universo da presente pesquisa é composto por estudantes regularmente matriculados no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir do segundo período letivo. A delimitação a esse grupo se justifica pelo fato de que os alunos a partir do segundo período já possuem informações acadêmicas relevantes, como o Coeficiente de

Rendimento (CR), a Média de Conclusão (MC), número de disciplinas cursadas e histórico de reprovações, o que permite uma análise mais precisa e significativa dos dados coletados.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado, elaborado com base nos objetivos da pesquisa, conforme evidenciado no Quadro 1. O instrumento reúne questões fechadas e escalas de avaliação que abordam aspectos acadêmicos (como desempenho, reprovações, CR e MC), características do deslocamento diário (tempo, meios de transporte e trajeto), bem como percepções relacionadas à qualidade de vida estudantil. O formulário foi disponibilizado em meio digital (Google Forms), e sua divulgação ocorrerá por canais institucionais e redes sociais voltadas à comunidade acadêmica do curso, de forma a alcançar o maior número possível de respondentes.

Quadro 1 – Roteiro do questionário

Nº	Pergunta
1	Você é um aluno(a) do curso de Ciências Contábeis da UFPE?
2	Cidade que reside:
3	Bairro que reside:
4	Período de ingresso na UFPE:
5	Quantas disciplinas você conseguiu a aprovação até o momento (em um total de 41 disciplinas)?
6	Quantas reprovações você já teve até o período atual?
7	Qual é o seu Coeficiente de Rendimento (CR)?
8	Qual é a sua Média de Conclusão das Disciplinas Concluídas (MC)?
9	Você trabalha ou estagia?
10	Se sim, quantas horas diárias você trabalha/estagia?
11	Quanto tempo você gasta diariamente no trajeto de IDA/VOLTA para a UFPE?
12	Quais meios de transporte você utiliza para ir até a faculdade?
13	Em uma escala de 1 a 5, o quanto você considera relevante o impacto da distância geográfica entre sua residência e a UFPE no seu rendimento acadêmico?
14	Já pensou em mudar de residência para reduzir o tempo de deslocamento até a UFPE?
15	O tempo gasto com o deslocamento até a UFPE, somado ao tempo gasto com estágio/trabalho, afeta sua saúde física ou mental?

Fonte: Elaborado pelo autor.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 8 de maio e 1º de junho de 2025, abrangendo estudantes a partir do 2º período do curso. Ao todo, foram obtidas 210 respostas, das quais 189 foram consideradas válidas para compor a amostra final da pesquisa, após o processo de triagem e tratamento dos dados.

3.3. Tratamento dos Dados

Os dados coletados por meio do questionário estruturado serão analisados por meio de uma abordagem quantitativa com apoio descritivo e correlacional, complementada por dados qualitativos subjetivos, a fim de permitir uma compreensão ampla dos efeitos do *commuting* no desempenho acadêmico e na qualidade de vida dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Inicialmente, os dados brutos serão organizados em planilhas eletrônicas, com uso dos softwares Microsoft Excel e Stata, ferramentas adequadas para o desenvolvimento de estatísticas descritivas, análises correlacionais simples e tratamento preliminar dos dados, conforme recomendado por Gil (2019) e Vergara (2016) em pesquisas de natureza quantitativa aplicada às ciências sociais. Durante esta etapa, os dados que apresentarem inconsistências, incompletudes ou que não estejam em conformidade com os critérios da pesquisa serão desconsiderados da amostra final, a fim de preservar a fidedignidade e a validade dos resultados.

A análise será dividida logicamente em duas partes: a primeira voltada à compreensão do impacto do *commuting* na qualidade de vida estudantil; e a segunda, ao seu efeito sobre o desempenho acadêmico.

3.3.1. *Commuting* e Qualidade de Vida Estudantil

Para a investigação da relação do deslocamento diário na qualidade de vida dos estudantes, será adotada como principal variável de referência a resposta da pergunta 15 do instrumento de coleta: “O tempo gasto com o deslocamento até a UFPE, somado ao tempo gasto com estágio/trabalho, afeta sua saúde física ou mental?”. Esta variável será confrontada com os dados obtidos na pergunta 11 do questionário: “Quanto tempo você gasta diariamente no trajeto de IDA/VOLTA para a UFPE?”. A análise consistirá em comparar os valores de tempo de deslocamento com as respostas categóricas da percepção de impacto sobre a saúde, de modo a verificar a existência de padrões de associação entre essas variáveis. Os estudantes serão segmentados com base em faixas de tempo de deslocamento e, dentro de cada grupo, será calculada a frequência relativa de respostas afirmativas quanto ao prejuízo à saúde física ou mental. Essa abordagem permitirá avaliar se há tendência de maior comprometimento da qualidade de vida entre os estudantes que enfrentam

tempos mais longos de commuting, seguindo uma lógica de análise descritiva com potencial indicativo de correlação.

Complementarmente, serão consideradas as respostas à pergunta 14: "Já pensou em mudar de residência para reduzir o tempo de deslocamento até a UFPE?". A inclusão dessa variável tem por finalidade ampliar a análise da qualidade de vida dos estudantes, permitindo a correlação entre a percepção de impacto negativo à saúde e a predisposição à mudança de moradia como estratégia para mitigar os efeitos adversos do commuting. Por meio desse cruzamento, pretende-se investigar não apenas a intensidade do incômodo subjetivo provocado pelo deslocamento diário, mas também as formas cognitivas de enfrentamento adotadas pelos discentes frente às limitações impostas por essa rotina.

Quadro 2 – Explicação das variáveis que relacionam o *commuting* e qualidade de vida estudantil.

Sigla	Nome da Variável	Descrição	Fórmula	Fonte
TD	Tempo de Deslocamento	Tempo médio diário, em minutos ou horas, gasto pelo participante no percurso casa–trabalho/estágio–faculdade.	—	Pergunta 11
ISF	Impacto na Saúde Física/Mental	Percepção declarada do participante sobre se o tempo gasto com deslocamento e trabalho afeta sua saúde.	—	Pergunta 15
PMR	Predisposição à Mudança de Residência	Intenção expressa pelo discente de mudar de residência para minimizar os efeitos do commuting.	—	Pergunta 14

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3.2. *Commuting* e Desempenho Acadêmico

A segunda dimensão da análise refere-se ao impacto do commuting no desempenho acadêmico dos estudantes. Serão investigadas as relações entre tempo e distância de deslocamento, carga horária de trabalho ou estágio, e indicadores objetivos de rendimento acadêmico, como o Coeficiente de Rendimento (CR), a Média de Conclusão (MC). Inicialmente, os dados serão organizados e padronizados em planilhas eletrônicas para posterior aplicação de estatísticas descritivas — média, mediana, variância e desvio padrão — conforme os procedimentos metodológicos descritos por Marconi e Lakatos (2022).

Em seguida, com base nas respostas às perguntas 2 e 3 (“Cidade que reside” e “Bairro que reside”), será estimada a Distância Geográfica Média (DGM) entre a residência dos participantes e a UFPE, utilizando a ferramenta Google Maps. Esta variável será cruzada com os indicadores de desempenho acadêmico obtidos nas perguntas 7 e 8 (CR e MC), de modo a verificar se há correlação entre a localização do domicílio e o rendimento dos discentes.

Complementarmente, o Tempo de Deslocamento (TD) informado na pergunta 11 será analisado em conjunto com a situação de trabalho ou estágio dos estudantes, conforme indicado nas perguntas 9 e 10 (“Você trabalha ou estagia?” e “Se sim, quantas horas diárias você trabalha/estagia?”). Com essas informações, os respondentes serão segmentados em dois grupos: aqueles que se dedicam exclusivamente aos estudos e aqueles que conciliam atividades acadêmicas com trabalho ou estágio. Essa segmentação permitirá verificar se a sobreposição de funções e locais no trajeto diário (casa–estágio/trabalho–faculdade) impacta o desempenho acadêmico.

Quadro 3 – Explicação das variáveis que relacionam o *commuting* e desempenho acadêmico.

Sigla	Nome da Variável	Descrição	Fórmula	Fonte
TD	Tempo de Deslocamento	Tempo médio diário (em minutos ou horas) gasto no percurso casa–trabalho/estágio–faculdade.	—	Pergunta 11
DGM	Distância Geográfica Média	Estimativa da distância entre o bairro de residência e a UFPE, com apoio do Google Maps.	—	Perguntas 2, 3 e Google Maps
TRAB	Situação de Trabalho/Estágio	Indica se o participante trabalha ou estagia, com base em resposta binária (sim/não).	—	Pergunta 9
CH	Carga Horária de Trabalho/Estágio	Número de horas diárias dedicadas ao trabalho ou estágio.	—	Pergunta 10
CR	Coeficiente de Rendimento	Média ponderada do rendimento final em componentes curriculares, incluindo êxitos e reprovações.	—	Pergunta 7 (SIGAA)
MC	Média de Conclusão	Média ponderada do rendimento final nas disciplinas aprovadas, utilizada para fins acadêmicos.	—	Pergunta 8 (SIGAA)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além disso, será conduzida uma análise específica sobre o tempo estimado de conclusão do curso (TCCE), com o objetivo de verificar se o tempo de deslocamento e a distância geográfica média diária influenciam a extensão da trajetória acadêmica dos estudantes. Para isso, serão utilizados os dados referentes ao período de ingresso (Pergunta 4), às disciplinas aprovadas (DA)

(Pergunta 5) e ao número de disciplinas reprovadas (DR) (Pergunta 6). A partir dessas informações, será calculado o número de períodos cursados (PC), obtido pela diferença entre o período atual (2025.1) e o de ingresso do aluno. Em seguida, serão gerados dois indicadores: a média de reprovações por período (MRP) e a média de disciplinas cursadas por período (MDCP). Com base nesses dados, será possível estimar o Tempo de Conclusão de Curso Estimado (TCCE).

Essa abordagem permitirá identificar se os estudantes que enfrentam maiores tempos de deslocamento também tendem a apresentar atrasos mais significativos em relação à conclusão do curso, oferecendo uma perspectiva quantitativa sobre os efeitos do *commuting* na progressão acadêmica.

Quadro 4 – Explicação das variáveis que relacionam o *commuting* e tempo de conclusão.

Sigla	Nome da Variável	Descrição	Fórmula	Fonte
PC	Períodos Cursados	Número de semestres cursados até o momento, calculado pela diferença entre o período atual (2025.1) e o período de ingresso do aluno.	$PC = 2025.1 - \text{Período de Ingresso}$	Pergunta 4
DA	Disciplinas Aprovadas	Total de componentes curriculares aprovados pelo estudante.	—	Pergunta 5
DR	Disciplinas Reprovadas	Total de componentes curriculares reprovados pelo estudante.	—	Pergunta 6
MRP	Média de Reprovações por Período	Quantidade média de reprovações por semestre cursado.	$MRP = DR \div PC$	Derivada dos dados
MDCP	Média de Disciplinas Cursadas por Período	Estimativa da média de disciplinas cursadas por semestre (aprovadas + reprovadas).	$MDCP = (DA + DR) \div PC$	Derivada dos dados
TCCE	Tempo de Conclusão de Curso Estimado	Estimativa do total de períodos necessários à conclusão do curso, considerando rendimento atual.	$TCCE = PC + ((41 - DA) \div (MDCP - MRP))$	Fórmula aplicada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, será incluída uma dimensão perceptiva e subjetiva da relação entre *commuting* e desempenho, através da pergunta 13 do questionário: “Em uma escala de 1 a 5, o quanto você considera relevante o impacto da distância geográfica entre sua residência e a UFPE no seu rendimento acadêmico?”. Essa questão foi construída com base na Escala de Likert, técnica de

mensuração amplamente utilizada em pesquisas sociais para capturar atitudes e percepções em níveis ordinalmente graduados. Segundo Boone e Boone (2012), a Escala de Likert permite não apenas ordenar, mas também interpretar níveis de concordância ou relevância atribuídos pelos respondentes. A categorização utilizada será: 1 – Nada relevante, 2 – Pouco relevante, 3 – Relevância moderada, 4 – Muito relevante e 5 – Extremamente relevante. Tais percepções serão confrontadas com os dados objetivos de desempenho, possibilitando identificar a convergência (ou não) entre o que os estudantes percebem e os indicadores reais de rendimento.

Quadro 5 – Explicação da variável PIR.

Sigla	Nome da Variável	Descrição	Fórmula	Fonte
PIR	Percepção de Impacto no Rendimento	Grau de percepção do estudante sobre o impacto da distância geográfica em seu desempenho acadêmico, baseado em escala de 1 a 5 (Escala de Likert).	—	Pergunta 13

Fonte: Elaborado pelo autor.

A articulação entre os dados quantitativos e as percepções subjetivas permitirá uma análise mais aprofundada sobre o fenômeno do *commuting* e seus desdobramentos na vida acadêmica dos discentes, reforçando o potencial explicativo do estudo por meio de uma abordagem mista. Este tratamento metodológico, com base em fontes como Gil (2019), Marconi e Lakatos (2022), Vergara (2016) e Boone e Boone (2012), contribui para garantir a consistência científica da análise, bem como a fidedignidade dos resultados obtidos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Análise Descritiva

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados por meio do questionário aplicado aos discentes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A análise foi estruturada em quatro tópicos centrais que refletem os objetivos da pesquisa: a relação entre *commuting* e qualidade de vida, a influência do deslocamento sobre o desempenho acadêmico, o impacto do tempo de deslocamento na expectativa de conclusão do curso, e a percepção dos

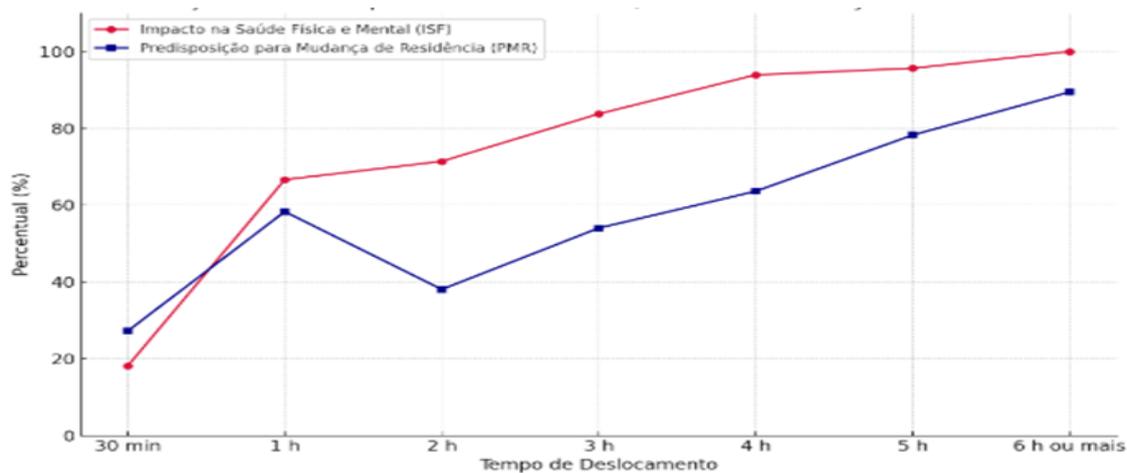
estudantes a partir de uma escala Likert. Inicialmente, é realizada uma análise descritiva dos dados, de modo a identificar padrões de comportamento nas variáveis investigadas. Em seguida, são exploradas comparações entre grupos e categorias, permitindo compreender de forma mais aprofundada os efeitos do commuting sobre diferentes dimensões da vida acadêmica. A abordagem segue os parâmetros metodológicos delineados anteriormente, com o intuito de fundamentar as discussões subsequentes e oferecer subsídios empíricos à temática central deste trabalho.

4.1.1. Análise entre *Commuting* e Qualidade De Vida

A partir da análise dos dados obtidos, observa-se uma relação direta e crescente entre o tempo de deslocamento diário dos estudantes de Ciências Contábeis da UFPE e os impactos percebidos na saúde física e mental. De acordo com as respostas analisadas, os estudantes que enfrentam menores tempos de deslocamento, como 30 minutos, apresentam níveis significativamente mais baixos de percepção de prejuízos à saúde — apenas 18,18% dos respondentes nessa faixa indicaram que o tempo de *commuting*, somado ao trabalho e estágio, afeta negativamente sua saúde. No entanto, esse percentual aumenta de forma expressiva conforme cresce o tempo total de deslocamento.

Entre os estudantes que levam 1 hora até a universidade, 66,66% já percebem algum impacto em sua saúde. Esse número continua crescendo nas faixas seguintes: 71,42% entre aqueles com 2 horas de deslocamento, 83,78% com 3 horas, 93,93% com 4 horas e 95,65% com 5 horas. De maneira ainda mais contundente, todos os estudantes que declararam passar 6 horas ou mais em deslocamento relataram algum tipo de prejuízo à sua saúde física ou mental, atingindo 100% dos respondentes dessa faixa.

Gráfico 1 – Relaciona o Tempo de Deslocamento com a Saúde física e mental e a Predisposição para Mudança de Residência.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses dados sugerem uma tendência clara: quanto maior o tempo despendido diariamente em deslocamento, maior é a percepção de comprometimento da qualidade de vida, especialmente no que diz respeito à saúde dos estudantes. Essa relação indica uma sobrecarga imposta por longos percursos e, quando somada às atividades de estágio e trabalho, acentua os impactos negativos sobre o bem-estar dos discentes.

Além disso, foi analisada a predisposição dos estudantes a mudar de residência como estratégia para mitigar os efeitos do commuting. Entre os estudantes com menor tempo de deslocamento (30 minutos), apenas 27,27% afirmaram já ter pensado em se mudar. Esse número aumenta para 58,33% entre os que gastam 1 hora, revelando um salto expressivo. Apesar de uma leve oscilação entre as faixas intermediárias (38,09% entre os que gastam 2 horas e 54,05% com 3 horas), a predisposição volta a crescer de forma consistente: 63,63% com 4 horas, 78,26% com 5 horas e, por fim, 89,47% entre os estudantes que enfrentam 6 horas ou mais de deslocamento diário.

Quadro 6 - Impacto do tempo de deslocamento na saúde física e mental e na predisposição à mudança de residência

Tempo de Deslocamento (TD)	Qtd. de Respondentes	ISF (%)	PMR (%)
30 minutos	11	18,18	27,27
1 hora	24	66,66	58,33
2 horas	42	71,42	38,09
3 horas	37	83,78	54,05
4 horas	33	93,93	63,63
5 horas	23	95,65	78,26
6 horas ou mais	19	100,00	89,47

Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise dos dados evidencia, portanto, que o tempo de deslocamento exerce influência significativa não apenas sobre a saúde dos estudantes, mas

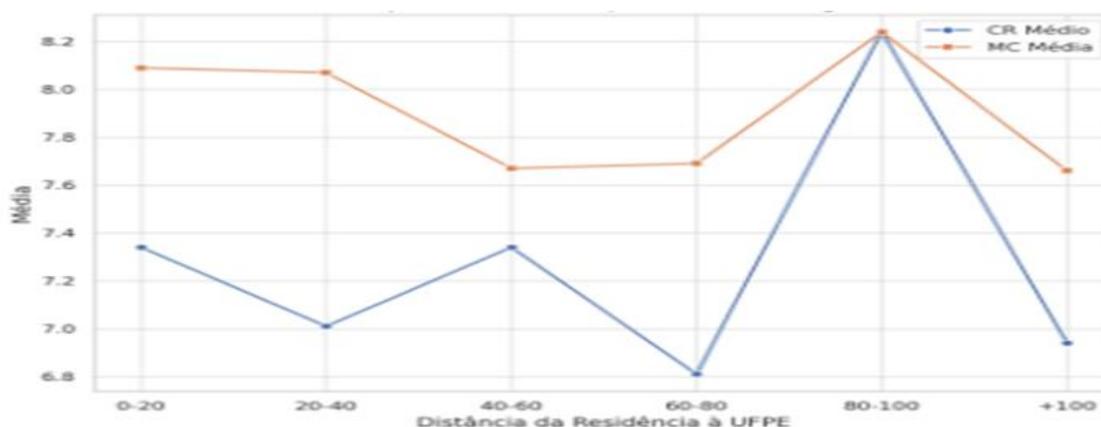
também sobre sua tomada de decisão em relação a mudanças estruturais em suas rotinas, como a mudança de residência. Essa disposição aumenta proporcionalmente à intensidade do desconforto enfrentado diariamente, revelando que, além dos danos à saúde, o *commuting* compromete a estabilidade emocional e logística dos alunos, podendo afetar, inclusive, seu desempenho acadêmico e tempo de conclusão do curso.

4.1.2. Análise entre *Commuting* e Desempenho Acadêmico

A segunda dimensão do estudo dedica-se à análise dos efeitos do *commuting* sobre o desempenho acadêmico dos estudantes de Ciências Contábeis da UFPE, considerando como variáveis principais o Tempo de Deslocamento (TD) e a Distância Geográfica Média (DGM), em relação aos indicadores de rendimento escolar: Coeficiente de Rendimento (CR) e Média de Conclusão (MC). Os dados foram obtidos por meio de questionário aplicado diretamente aos alunos e analisados segundo a metodologia proposta.

No que diz respeito à distância geográfica, observou-se que a maioria dos respondentes (135 estudantes) reside num raio de até 20 km do campus, apresentando CR médio de 7,34 e MC de 8,09. Já os que moram entre 20 e 40 km (24 respondentes) registraram queda no CR (7,01), embora a MC tenha se mantido elevada (8,07). A partir de 40 km, os dados oscilam, mas apontam tendência de declínio, especialmente na MC. Os alunos entre 60 e 80 km (7 respondentes) apresentaram CR de 6,81 e MC de 7,69; os que vivem acima de 100 km (8 respondentes), CR de 6,94 e MC de 7,66. Um único caso na faixa de 80 a 100 km obteve médias altas (8,24), mas trata-se de valor atípico.

Gráfico 2 – Relaciona o Desempenho Acadêmico por Distância Geográfica

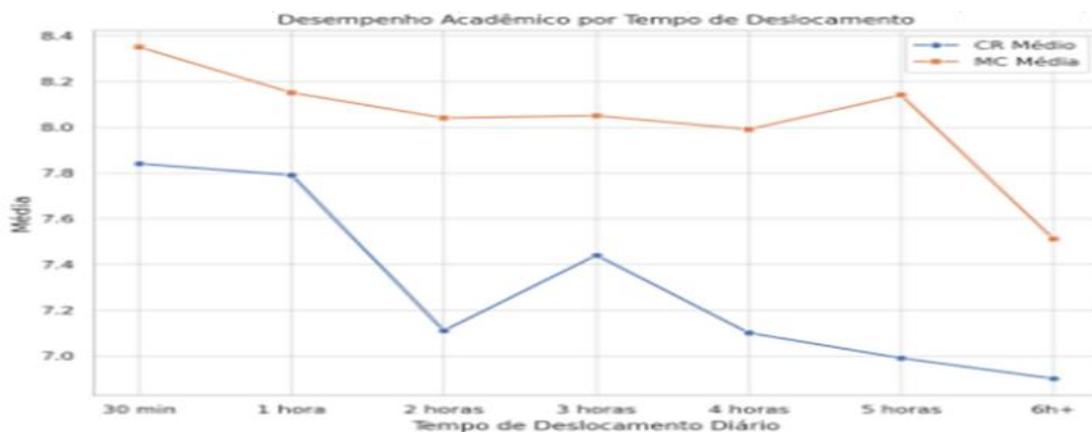


Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse padrão confirma a hipótese de que quanto maior a distância da residência à universidade, menor tende a ser o desempenho acadêmico, sobretudo no CR. Estudos como o de Oliveira e Silva (2021) apontam que o deslocamento extenso impacta negativamente a produtividade acadêmica por reduzir o tempo disponível para estudo e descanso.

Quanto ao tempo de deslocamento, os estudantes com trajetos de até 30 minutos (11 respondentes) obtiveram os melhores resultados: CR médio de 7,84 e MC de 8,35. Já os que gastam cerca de 1 hora (24 respondentes) mantiveram bom desempenho (CR 7,79; MC 8,15). A partir de 2 horas diárias (42 respondentes), os indicadores caem: CR 7,11 e MC 8,04. Estudantes que se deslocam por 3 horas (37 respondentes) apresentaram leve melhora no CR (7,44), mas os valores voltam a cair com trajetos mais longos: 4 horas (CR 7,10; MC 7,99), 5 horas (CR 6,99; MC 8,14) e 6 horas ou mais (CR 6,90; MC 7,51).

Gráfico 3 – Relaciona o Desempenho Acadêmico por Tempo de Deslocamento



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse padrão reforça os achados de Jornet *et al.* (2022), que identificaram efeitos negativos do commuting sobre o desempenho cognitivo de estudantes universitários, especialmente em trajetos superiores a 90 minutos. O tempo gasto afeta diretamente a concentração, a energia disponível para estudos e a presença em sala de aula.

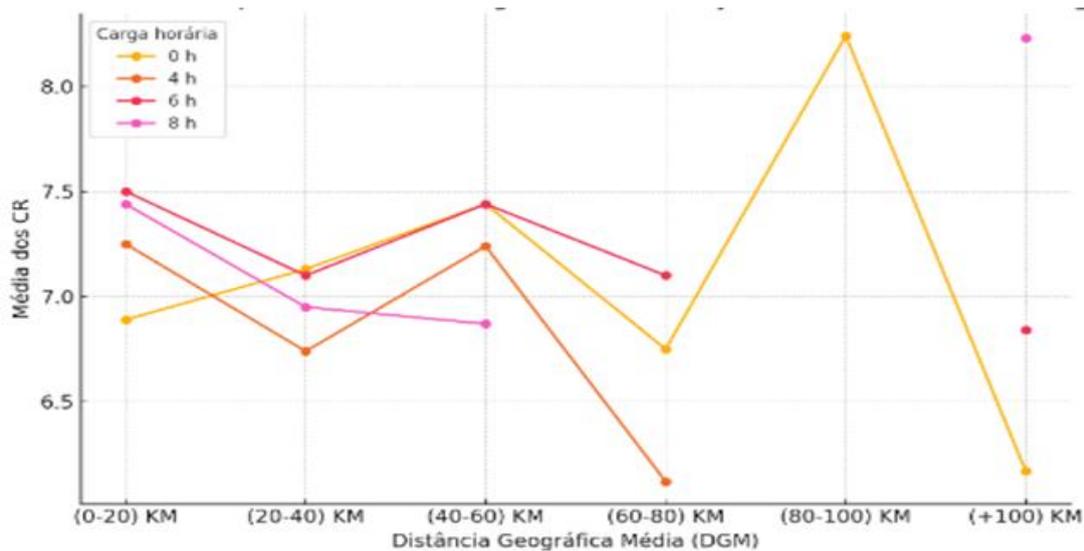
Além disso, muitos estudantes relatam conciliar trabalho e estágio com os estudos, o que agrava o impacto do deslocamento. Conforme apontado por Nogueira e Fernandes (2019), estudantes de baixa renda e que moram longe dos centros urbanos enfrentam maiores barreiras para permanência e bom desempenho no ensino superior, sendo o deslocamento um dos principais entraves logísticos e emocionais.

Assim, os resultados confirmam uma relação negativa entre commuting e desempenho acadêmico. As médias de CR e MC decrescem à medida que aumenta a distância e o tempo de deslocamento, com maior impacto entre os estudantes que acumulam atividades profissionais. Isso evidencia a necessidade de políticas institucionais voltadas à mobilidade, como auxílio-transporte, moradia estudantil próxima ao campus e maior flexibilidade de horários para mitigar os efeitos adversos da mobilidade urbana sobre o rendimento acadêmico.

A análise dos dados coletados por meio dos questionários revela interações significativas entre variáveis como distância geográfica média (DGM), tempo de deslocamento (TD), carga horária de trabalho ou estágio, e desempenho acadêmico dos estudantes. Os resultados apontam que a mobilidade estudantil, especialmente quando aliada à rotina profissional, exerce um impacto direto sobre os indicadores de desempenho acadêmico, em particular o Coeficiente de Rendimento (CR) e a Média de Conclusão (MC). Tais achados dialogam com estudos prévios que já alertavam sobre os efeitos do deslocamento urbano na rotina universitária, como demonstrado por Alves e Lima (2020), que destacam a relação entre commuting prolongado e fadiga cognitiva entre estudantes de cursos presenciais.

Considerando, primeiramente, a variável distância geográfica média (DGM), observou-se que estudantes que não trabalham nem estagiam e residem até 20 km da universidade apresentaram um CR médio de 6,89 e uma MC de 8,14, números relativamente positivos. Entretanto, ainda nesse grupo, os estudantes que vivem a distâncias superiores a 100 km demonstraram uma queda na média do CR (6,17), o que já evidencia o peso da distância mesmo sem interferência da jornada de trabalho. Esses achados corroboram a literatura que aponta o deslocamento prolongado como um elemento que compromete o acesso equitativo à educação, como defendido por Nogueira e Fernandes (2019), ao abordar a desigualdade territorial como obstáculo à permanência universitária.

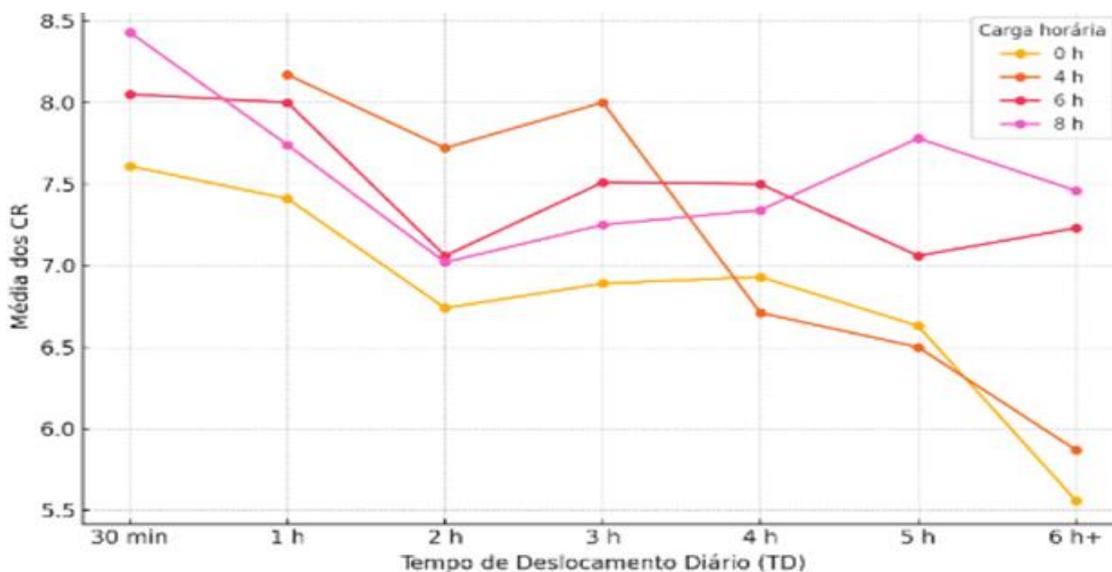
Gráfico 4 – Média do CR por Distância Geográfica Média e Jornada de Trabalho/Estágio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos grupos que apresentam jornada laboral, os efeitos tornam-se ainda mais acentuados. Estudantes que trabalham ou estagiam por 4 horas diárias e moram a até 20 km do campus alcançaram CR médio de 7,25 e MC de 8,07, mas os que vivem entre 60 e 80 km reduziram essa média para 6,12 no CR, ainda que mantivessem alta a MC (8,37). Tal oscilação pode ser interpretada à luz da teoria da sobrecarga temporal Jornet et al. (2022), que sustenta que a soma de deslocamento e jornada laboral reduz o tempo disponível para estudo e descanso, afetando principalmente os indicadores que refletem o desempenho recente, como é o caso do CR. A mesma lógica se repete entre estudantes que trabalham 6 e 8 horas: quanto maior a distância da residência até a universidade, menor tende a ser o desempenho acadêmico. Destaca-se, por exemplo, que estudantes com jornada de 8 horas e residentes entre 20 e 40 km apresentaram CR de 6,95, uma queda acentuada frente aos 7,44 daqueles que moram a até 20 km. Embora haja variações pontuais — como o caso de dois estudantes que trabalham 8 horas e moram a mais de 100 km com CR elevado (8,23) —, a amostragem reduzida não permite generalizações estatísticas. Ainda assim, o padrão geral indica que a DGM, combinada ao tempo de trabalho, prejudica o rendimento.

Gráfico 5 – Média do CR por Tempo de Deslocamento e Jornada de Trabalho/Estágio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar o tempo de deslocamento diário (TD), os resultados reforçam os achados anteriores e oferecem uma perspectiva ainda mais clara sobre a relação entre mobilidade e desempenho acadêmico. No grupo de estudantes que não trabalham nem estagiam, aqueles que gastam até 30 minutos no trajeto até a universidade apresentam CR de 7,61 e MC de 8,34. No entanto, esse desempenho decresce progressivamente com o aumento do tempo de deslocamento, chegando a um CR de 5,56 e MC de 7,71 entre os que se deslocam por 6 horas ou mais. O efeito do commuting excessivo é descrito na literatura como um fator de evasão silenciosa, como argumentam Oliveira e Silva (2021), pois compromete a assiduidade e o engajamento acadêmico, ainda que o estudante permaneça formalmente matriculado.

Essa tendência se mantém entre os estudantes com jornada de trabalho. No grupo com carga de 4 horas diárias, aqueles que gastam até uma hora no deslocamento obtiveram um CR de 8,17, mas esse valor cai para 5,87 entre os que enfrentam deslocamentos de 6 horas ou mais. A média de conclusão, por sua vez, mostra-se mais resistente às variações bruscas, o que pode ser explicado pelo seu caráter acumulativo, conforme observado por Castro e Barbosa (2018), que diferenciam a MC como um indicador de trajetória consolidada ao longo do curso, em contraposição ao CR, mais sensível às variações recentes.

Estudantes com jornadas de 6 horas diárias também apresentam quedas graduais conforme o tempo de deslocamento aumenta, sendo que os que gastam 30 minutos apresentam CR de 8,05 e MC de 9,11, as mais altas médias registradas em todo o levantamento. Já aqueles com deslocamento

superior a 6 horas apresentam CR de 7,23 e MC de 7,33, revelando uma perda considerável. No grupo de 8 horas diárias de jornada, o padrão se mantém: o CR varia de 8,43 (30 minutos de deslocamento) a 7,02 (2 horas de deslocamento), demonstrando que, mesmo entre os estudantes com longas jornadas, o tempo de commuting ainda exerce papel de diferenciação no rendimento acadêmico.

Ao relacionar as duas abordagens — DGM e TD — observa-se que, embora ambas influenciem negativamente o desempenho acadêmico, o tempo de deslocamento demonstra ser um preditor mais direto de impacto, possivelmente porque representa não apenas a distância em si, mas também fatores como tráfego, qualidade do transporte público e infraestrutura urbana. A DGM, por outro lado, é uma medida mais bruta e estrutural, que não captura nuances do cotidiano do deslocamento. Essa distinção é essencial, como argumenta Vasconcelos (2020), para que políticas públicas universitárias considerem o tempo efetivo de mobilidade como critério para ações afirmativas e suporte acadêmico, e não apenas a localização do domicílio do estudante.

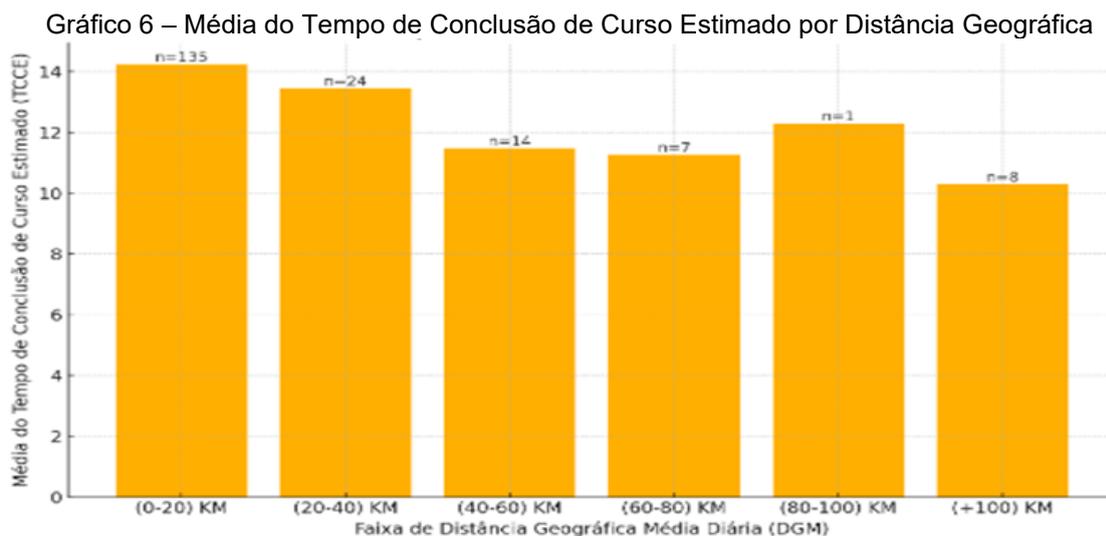
Em síntese, os dados analisados corroboram o que parte da literatura já vem apontando: o fenômeno do commuting universitário, especialmente quando associado à jornada de trabalho, representa um obstáculo significativo para a manutenção de altos níveis de desempenho acadêmico. O CR, mais sensível à sobrecarga recente, mostra-se mais afetado que a MC, revelando que a pressão cotidiana imposta pelo deslocamento e pelo trabalho compromete diretamente a produtividade estudantil. Tais resultados reforçam a necessidade de repensar políticas institucionais de assistência estudantil, transporte universitário e flexibilização curricular, de forma a mitigar os impactos das desigualdades territoriais na formação superior.

4.1.3. Análise entre *Commuting* e Tempo de Conclusão

A análise quantitativa do Tempo de Conclusão de Curso Estimado (TCCE), com base na distância geográfica média diária (DGM), revela uma relação não linear entre o deslocamento e o tempo necessário para a graduação. Os estudantes que moram até 20 km do campus apresentam o maior TCCE médio (14,24 períodos), enquanto aqueles que percorrem mais de

100 km possuem o menor TCCE médio (10,29 períodos). A diferença entre esses extremos é de quase quatro semestres, o que representa um impacto considerável na trajetória acadêmica.

Esse comportamento pode ser explicado por variáveis que vão além da distância em si. Estudantes mais próximos muitas vezes acumulam trabalho e outras responsabilidades, o que prolonga sua jornada acadêmica. Já aqueles que enfrentam deslocamentos médios ou longos tendem a organizar melhor sua rotina e priorizar a conclusão do curso com maior eficiência, adotando estratégias como concentração de disciplinas e menor taxa de trancamento. Cunha e Miranda (2020) observaram que estudantes que se deslocam entre 20 e 80 km geralmente apresentam maior planejamento acadêmico, o que contribui para uma trajetória mais curta. Já Barros, Souza e Lima (2020) identificaram que, embora o commuting possa gerar desgaste, seu impacto negativo é atenuado por boas condições de transporte e suporte institucional.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise mostra que o tempo de deslocamento não atua de forma isolada, mas interage com fatores como planejamento, motivação e contexto socioeconômico. Políticas acadêmicas eficazes devem considerar essas dinâmicas para promover maior equidade na permanência e conclusão dos cursos.

4.1.4. Escala Likert

A análise dos dados referentes à variável PIR evidencia que existe uma relação moderada entre a percepção dos estudantes sobre o impacto da

distância geográfica no rendimento acadêmico e os indicadores objetivos de desempenho, como o Coeficiente de Rendimento (CR) e a Média de Carga Curricular Cumprida (MC). Observa-se que os estudantes que consideram a distância “nada relevante” apresentam a menor média de CR (6,84), mas, paradoxalmente, possuem a maior média de MC (8,19). Por outro lado, o grupo que avalia a distância como “pouco relevante” alcança o maior CR médio (7,53), sugerindo que uma percepção mais neutra pode estar associada a um desempenho mais equilibrado.

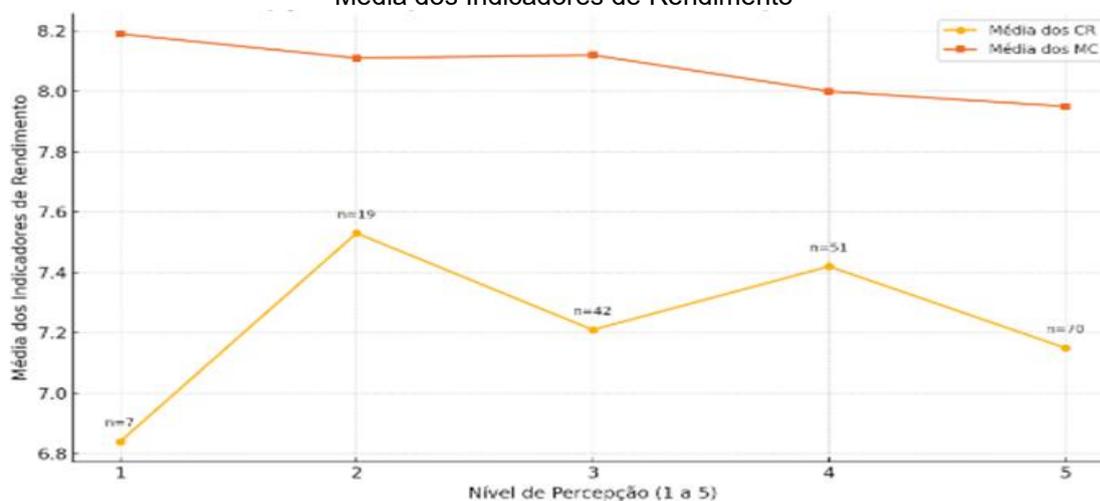
Quadro 7 – Nível de Percepção do Impacto do *Commuting* no Rendimento e a Média dos Indicadores de Rendimento

PIR	QTD	MÉDIA DOS CR	MÉDIA DAS MC
1 - Nada relevante	7	6,84	8,19
2 - Pouco relevante	19	7,53	8,11
3 - Relevância moderada	42	7,21	8,12
4 - Muito relevante	51	7,42	8,00
5 - Extremamente relevante	70	7,15	7,95

Fonte: Elaborado pelo autor.

À medida que a percepção de impacto aumenta para níveis mais altos — como “muito relevante” e “extremamente relevante” — as médias de CR e MC apresentam leve tendência de queda, com o grupo de maior percepção negativa registrando CR médio de 7,15 e MC de 7,95. Isso indica que estudantes que percebem a distância como um fator mais prejudicial também tendem a apresentar indicadores de desempenho um pouco inferiores, ainda que as variações não sejam acentuadas. A distribuição dos respondentes reforça essa tendência, com a maioria concentrada entre os níveis 4 e 5 de percepção (121 estudantes), o que demonstra que a maioria reconhece, em algum grau, que o *commuting* interfere negativamente em seu rendimento.

Gráfico 7 – Relaciona o nível de Percepção do Impacto do *Commuting* no Rendimento e a Média dos Indicadores de Rendimento



Fonte: Elaborado pelo autor.

A comparação entre as percepções subjetivas e os dados objetivos de desempenho permite observar uma convergência moderada entre o que os estudantes sentem e o que de fato se observa nos números. Isso reforça a importância de considerar não apenas os indicadores estatísticos, mas também as experiências vividas pelos alunos, que podem influenciar diretamente suas trajetórias acadêmicas. A distância, nesse contexto, aparece não apenas como um dado físico, mas como um elemento que se traduz em desafios práticos e psicológicos percebidos pelos próprios discentes ao longo de sua formação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar a relação do *commuting* na graduação dos estudantes de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), investigando seus efeitos sobre o desempenho acadêmico, a qualidade de vida estudantil e o tempo de conclusão do curso. A pesquisa foi motivada pela constatação de que muitos discentes enfrentam longas jornadas de deslocamento entre casa, trabalho/estágio e universidade, situação agravada por dificuldades estruturais de mobilidade urbana na Região Metropolitana do Recife. A partir da aplicação de um questionário e posterior análise quantitativa dos dados coletados, foi possível explorar as principais implicações do *commuting* na trajetória acadêmica desses alunos.

Os resultados obtidos demonstraram que há uma relação significativa entre o tempo e a distância de deslocamento diário e a qualidade de vida dos estudantes. A proporção de discentes que relataram impactos negativos na saúde física e mental aumentou de forma consistente à medida que o tempo de *commuting* crescia, atingindo 100% entre aqueles que enfrentam seis horas ou mais de deslocamento. Além disso, observou-se que essa mesma população apresenta maior predisposição à mudança de residência como estratégia de enfrentamento, revelando que o *commuting* afeta não apenas o bem-estar físico e emocional, mas também exige reestruturações de vida por parte dos estudantes.

No que tange ao desempenho acadêmico, a análise evidenciou uma tendência de queda nos indicadores objetivos — Coeficiente de Rendimento (CR) e Média de Conclusão (MC) — à medida que aumenta a Distância Geográfica Média (DGM) e o Tempo de Deslocamento (TD). Os estudantes que moram mais próximos da UFPE e gastam menos tempo em deslocamento obtiveram, em média, melhores resultados acadêmicos, especialmente aqueles que não acumulam longas jornadas de trabalho ou estágio. Os dados reforçam a ideia de que o commuting excessivo compromete o rendimento estudantil, não apenas pelo tempo efetivamente perdido em trânsito, mas também pela sobrecarga mental e pela limitação de tempo disponível para estudo e descanso.

A análise do Tempo de Conclusão de Curso Estimado (TCCE) revelou, de forma interessante, que estudantes que residem mais distantes nem sempre apresentam maior tempo de conclusão. Embora aqueles que moram até 20 km do campus tenham, em média, maior TCCE, os que vivem a distâncias superiores parecem adotar estratégias mais assertivas para finalizar o curso mais rapidamente. Esse resultado sugere que o impacto do commuting não é linear e pode ser mediado por aspectos como motivação, disciplina, organização pessoal e suporte familiar.

Complementarmente, os dados coletados na escala Likert revelaram que a percepção dos estudantes sobre o impacto do commuting no desempenho acadêmico está alinhada, ainda que moderadamente, aos indicadores objetivos de rendimento. Aqueles que percebem o commuting como extremamente relevante apresentam médias ligeiramente mais baixas de CR e MC, o que aponta para a validade das percepções subjetivas como ferramenta complementar na avaliação do contexto educacional.

Como contribuição, o presente estudo amplia a compreensão sobre como fatores extrínsecos à universidade — como tempo e distância de deslocamento — interferem diretamente na vivência acadêmica e na permanência dos estudantes no ensino superior. Os resultados obtidos podem subsidiar políticas institucionais voltadas à assistência estudantil, como a ampliação de programas de moradia, apoio à mobilidade urbana, bolsas de transporte, flexibilização de horários acadêmicos e maior suporte psicológico

aos estudantes em situação de vulnerabilidade. Ao colocar o *commuting* no centro do debate sobre desigualdades no ensino superior, este trabalho reforça a necessidade de considerar a realidade cotidiana dos estudantes na formulação de políticas públicas educacionais.

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a desigualdade na distribuição da amostra entre os diferentes grupos de análise. Alguns subgrupos — especialmente aqueles com maiores tempos de deslocamento ou distâncias geográficas extremas — contaram com número reduzido de respondentes, o que limita a generalização dos resultados e impede uma comparação perfeitamente linear entre todos os recortes analisados. Ainda assim, os dados revelaram padrões claros e coerentes, que sustentam as conclusões aqui apresentadas.

Para pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento do tema com amostras maiores e mais equilibradas entre os grupos de tempo e distância. Também seria relevante a inclusão de variáveis como qualidade do transporte público, tempo de espera nos deslocamentos e condições socioeconômicas mais detalhadas. Investigações qualitativas, com entrevistas ou grupos focais, poderiam complementar os achados quantitativos e revelar dimensões subjetivas mais profundas do impacto do *commuting* na trajetória universitária. Ademais, a comparação entre diferentes cursos e instituições de ensino superior no Brasil pode ajudar a construir um panorama mais abrangente e representativo sobre os desafios da mobilidade estudantil no país.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, W. Location and land use: toward a general theory of land rent. **Cambridge: Harvard University Press**, 1964.
- ALLEN, Jeff; FARBER, Steven. How time-use and transportation barriers limit on-campus participation of university students. **Travel Behaviour and Society**, v. 13, p. 174-182, 2018.
- ALVES, M., & LIMA, R. (2020). Commuting e fadiga cognitiva em estudantes universitários: Uma análise da rotina acadêmica presencial. **Revista Brasileira de Educação Urbana**, 15(2), 101-119.
- BARROS, M. A. S.; SOUZA, F. J.; LIMA, R. T. Deslocamento diário e seu impacto no desempenho acadêmico: um estudo com universitários brasileiros. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- BOONE, H. N. Jr.; BOONE, D. A. Analyzing Likert data. **Journal of Extension**, v. 50, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.joe.org/joe/2012april/tt2.php>. Acesso em: 29 mai. 2025.
- BRITTON, Bruce K.; TESSER, Abraham. Effects of time-management practices on college grades. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 83, n. 3, p. 405–410, 1991.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. Cambridge English Dictionary. **Cambridge: Cambridge University Press, 2024**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/commuting>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- CASTRO, J., & BARBOSA, T. (2018). Indicadores de desempenho acadêmico: CR e MC como medições distintas da trajetória estudantil. **Revista Avaliação Educacional**, 23(2), 199-216.
- CUNHA, A. L.; MIRANDA, V. G. Commuting universitário e organização da vida acadêmica. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade**, v. 6, n. 2, p. 45-62, 2020.
- CRUZ, Bruno de Oliveira *et al.* **Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil**. Brasília: Ipea, 2011.
- CRUZ, B. O.; TEIXEIRA, E.; MENEZES-FILHO, N. **A economia urbana: uma introdução**. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 223–246, 2011.
- COUTTS, Steven *et al.* Does commute influence post-secondary Students' social capital? A study of campus participation at four universities in Toronto, Canada. **Journal of Transport Geography**, v. 70, n. C, p. 172-181, 2018.
- DING, P.; FENG, S. How school travel affects children's psychological well-

being and academic achievement in China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 19, n. 21, p. 13881, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph192113881>.

EVANS, G. W.; WENER, R. E. The impact of transit commuting on psychological well-being. **Health Psychology**, Washington, DC, v. 25, n. 3, p. 408–412, 2006. DOI: 10.1037/0278-6133.25.3.408.

FALCH, Torberg; LUJALA, Päivi; STRØM, Bjarne. Geographical constraints and educational attainment. **Regional Science and Urban Economics**, v. 43, n. 1, p. 164-176, 2013.

FRIMAN, M.; OLSSON, L. E.; GÄRLING, T. Travel and subjective well-being. **Transportation Research Part A: Policy and Practice**, v. 86, p. 170–184, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed.** São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed.** São Paulo: Atlas, 2019.

GRANDE RECIFE CONSÓRCIO DE TRANSPORTE. **Pesquisa origem-destino da Região Metropolitana do Recife**. Recife, 2019. Disponível em: <https://www.granderecife.pe.gov.br>. Acesso em: 21 maio 2025.

HENSHER, D. A.; HO, C.; MULLEY, C.; YAP, M. Mobility and mental health: Evidence from the commuting experiences of university students in Australia. **Transportation Research Part A: Policy and Practice**, v. 160, p. 216–231, 2022.

JANÁČEK, Julius *et al.* Commuting time and life satisfaction of high school students in the Czech Republic, Italy and Slovenia. **Prague Economic Papers**, v. 29, n. 5, p. 561-574, 2020.

JORNET, I., SILVA, R., & LOPES, G. (2022). Sobrecarga temporal e desempenho acadêmico: interseções entre trabalho, estudo e deslocamento. **Estudos Interdisciplinares em Educação**, 11(1), 78-94.

JORNET, A., GONZÁLEZ, M. F., & Torres, D. A. (2022). Time constraints, commuting, and academic performance in urban universities. **Journal of Higher Education Policy and Management**, 44(3), 270–285.

KOBUS, M. B. W.; VAN OMMEREN, J. N.; RIETVELD, P. Student commuting and educational outcomes. *Transportation Research Part A: Policy and Practice*, v. 74, p. 273–286, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tra.2015.02.002>. Acesso em: 21 maio 2025.

KWAN, M.-P. The impact of commuting on students' academic performance and social integration: a spatial perspective. **Environment and Planning A**, v. 45, n. 2, p. 447-463, 2013.

LEE, S.; KIM, K.; PARK, J. Association between commuting time and perceived stress: focusing on young Korean workers. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 19, n. 3, p. 1–12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph19031176>.

MACAN, T. H.; SHAHANI, C.; DIPBOYE, R. L.; PHILLIPS, A. P. College students' time management: Correlations with academic performance and stress. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 82, n. 4, p. 760–768, 1990.

MAGAGNIN, R. S.; SILVA, R. M. Mobilidade urbana e inclusão social: acessibilidade espacial e necessidades de deslocamento da população de baixa renda. **Revista Transporte & Desenvolvimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 1–19, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MITRA, R.; TAYLOR, B. **Student Move TO: Examining the travel behaviour, experience and aspirations of post-secondary students in the Greater Toronto and Hamilton Area (GTHA)**. Toronto: Ryerson University, 2021. Disponível em: <https://studentmoveto.ca/wp-content/uploads/2021/02/StudentMoveTO-FinalReport.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

MILLS, E. S. An aggregative model of resource allocation in a metropolitan area. **American Economic Review**, v. 57, p. 197–210, 1967.

MORAES, L. M.; COSTA, A. P. Estresse e qualidade do sono em estudantes universitários: o papel dos deslocamentos urbanos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 75–88, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v24i1p75-88.

MUTH, R. F. Cities and housing: the spatial pattern of urban residential land use. **Chicago: University of Chicago Press**, 1969.

NASCIMENTO, Gabrielle Rebouças. **Mobilidade e desempenho acadêmico: uma análise para estudantes universitários da maior cidade do Nordeste do Brasil**. 2021.

NELSON, Danielle *et al.* An analysis of the relationship between distance from campus and GPA of Commuter Students. **Journal of International Education Research**, v. 12, n. 1, p. 37-46, 2016.

NOGUEIRA, F., & FERNANDES, D. (2019). Desigualdade territorial e permanência na universidade pública: entre distância e exclusão. **Cadernos de Educação Superior**, 27(3), 55-70.

NOGUEIRA, M. A., & FERNANDES, L. A. (2019). Desigualdade territorial e acesso ao ensino superior: o papel do transporte e da mobilidade. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, 21(1), 54-73.

OLIVEIRA, Rodrigo *et al.* Commute duration and health: empirical evidence from Brazil. **Transportation Research Part A: Policy and Practice**, v. 80, p. 62-75, 2015.

OLIVEIRA, T. C., & SILVA, F. P. (2021). Commuting universitário e seus impactos no rendimento acadêmico. **Educação & Sociedade**, 42, e022148. DOI: 10.1590/es.255827.

OLIVEIRA, L., & SILVA, M. (2021). Evasão silenciosa: como o tempo de deslocamento interfere na permanência universitária. **Revista de Políticas Públicas Educacionais**, 9(1), 133-148.

PEREIRA, Patricia da Silva. Mobilidade urbana: o deslocamento através do transporte público urbano e o que isso afeta na vida do estudante de Biblioteconomia da UFRJ. In: **ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO**, 41., Rio de Janeiro, 2018. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p.1-11.

QORADI, Mofareh. The effect of geographic constraints on the academic achievement of students at King Saud University Using GIS Techniques: a case study. **Journal of Arts and Social Sciences [JASS]**, v. 9, n. 3, p. 5-13, 2018.

RODE, Joseph C. *et al.* Life satisfaction and student performance. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 4, p. 421-433, 2005.

SÁNCHEZ, T. W. *et al.* The impact of long commutes on student academic performance and well-being. **Journal of Urban Education**, v. 55, n. 3, p. 456-475, 2020.

SILVA, F. C. da; OLIVEIRA, T. R.; ALMEIDA, R. M. A influência do deslocamento diário no desempenho acadêmico de estudantes universitários. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 81, p. 1–18, 2020. DOI: 10.1590/S1413-24782020250081.

SIMPSON, Denise Balfour; BURNETT, Dana. Commuters versus residents: the effects of living arrangement and student engagement on academic performance. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 21, n. 3, p. 286-304, 2019.

TIGRE, Robson; SAMPAIO, Breno; MENEZES, Tatiane. The impact of commuting time on youth's school performance. **Journal of Regional Science**, v. 57, n. 1, p. 28-47, 2017.

VALLÉE, David; LAVERTU, Simon. Commuting and academic success: Evidence from Canadian post secondary students. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 52, n. 3, p. 41–61, 2022.

VASCONCELOS, A. (2020). Mobilidade urbana e justiça educacional: o tempo como critério para políticas universitárias inclusivas. **Educação & Sociedade**, 41(e022933), 1-18.

VASCONCELLOS, E. A. **Mobilidade urbana e cidadania: o desafio dos transportes no Brasil. 2. ed.** São Paulo: Contexto, 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 16. ed.** São Paulo: Atlas, 2016.

VIEIRA, Carlos; VIEIRA, Isabel; RAPOSO, Luis. Distance and academic performance in higher education. **Spatial Economic Analysis**, v. 13, n. 1, p. 60-79, 2018.

VOULGARIS, Carole Turley; SMART, Michael J.; TAYLOR, Brian D. Tired of commuting? Relationships among journeys to school, sleep, and exercise among American teenagers. **Journal of Planning Education and Research**, v. 39, n. 2, p. 142-154, 2019.